

## A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO HOSPITALAR

### THE ROLE OF THE HOSPITAL PEDAGOGUE

Nilva Pereira Dos Santos Silva; Daniela Soares Rodrigues; Ana Cláudia Faria de Lima; Francielle Moreira Rodrigues; Gilvan Silva Caldeiras; Pedro Vinicius Barreto Souza; Vania Gomes Cardoso; Vilma Maria Soares Rodrigues; Cláudia Ribeiro de Lima

**RESUMO:** Esse estudo tem como finalidade fornecer informações sobre o papel dos educadores nos hospitais. Esse assunto apesar de pouco falado, mostra-se significativamente relevante uma vez que toda e qualquer criança pode ficar por algum período de tempo hospitalizada devido a uma doença ou tratamento relacionado, o que desencadeia a obrigatoriedade em ficar separada da escola, da família e dos amigos, precisando assim, se adaptar a um novo normal: às classes escolares. Portanto, os educadores hospitalares devem estar munidos de algumas competências pedagógicas para saber lidar com essas peculiaridades. Essa nova realidade traz a crianças diversos incômodos, medo e traumas. Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo analisar as práticas educativas dos docentes nos hospitais e destacar a sua importância no desenvolvimento desta atividade, utilizando autores como: Lima (2012); Souza (2017) e Bastos (2022). Neste contexto, através de uma revisão da literatura, considera-se o papel dos educadores e pedagogos no cuidado de crianças hospitalizadas.

**Palavras-chave:** Pedagogia. Hospital. Crianças. Adolescente.

**ABSTRACT:** This study aims to provide information about the role of educators in hospitals. This subject, although not often talked about, is significantly relevant since each and every child can be hospitalized for some period of time due to an illness or treatment, which triggers the obligation to be separated from school, family and friends, thus needing to adapt to a new normal: school classes. Therefore, hospital educators must be equipped with some pedagogical skills to know how to deal with these peculiarities. This new reality brings children a lot of discomfort, fear and trauma. Therefore, the present thesis aims to analyze the educational practices of teachers in hospitals and highlight their importance in the development of this activity, using authors such as: Lima (2012); Souza (2017) and Bastos (2022). In this context, through a literature review, the role of educators and pedagogues in the care of hospitalized children is reviewed.

**Keywords:** Pedagogy. Hospital. Children. Teenager.

## INTRODUÇÃO

A pedagogia hospitalar é um campo de atuação da pedagogia que tem como objetivo estudar e dar todo o

apoio aos estudantes que por algum motivo de saúde teve que ser inserido em hospital, um de seu principal

objetivo é o desenvolvimento da aprendizagem cultural e pedagógica.

A pedagogia hospitalar começou a ser discutida no início do século XX na Europa, e trouxe uma nova forma de educação, que permite aos professores e pedagogos atuarem em ambientes hospitalares e familiares. Nesse contexto, o profissional que desempenha suas atividades na área hospitalar presta uma assistência educacional eficaz a crianças e adolescentes na busca em favorecer o restabelecimento do convívio social.

Dessa forma, o presente artigo procura compreender a atuação de um pedagogo no ambiente escolar, assim como as suas práticas pedagógicas e possibilidades de aplicação delas, uma vez que as crianças hospitalizadas precisam de métodos educativos alternativos que lhes permitam alcançar os níveis de aprendizado, por isso os educadores hospitalares precisam estarem capacitados para ajudar as crianças a continuarem os seus estudos e a retornarem à escola sem déficits consideráveis.

Sendo assim, ao optar em trabalhar nessa área, o pedagogo precisa ser capaz e estar preparado para enfrentar novos desafios, especialmente aqueles relacionados

com a construção de novos conhecimentos, através do improvável: a internação. Nesse quesito, o papel dos profissionais de educação auxiliar essas crianças e adolescentes no processo de ensino e aprendizagem, uma vez que a enfermidade se torna um obstáculo no que tange à prática pedagógica.

Diante disso, esse artigo se justifica na importância em ter um olhar mais humanizado para as crianças que são internadas por acometimento de alguma patologia, ao considerar a criança como um todo, nota-se que as questões educacionais não podem ser deixadas de lado. Por isso, a atuação do pedagogo no âmbito hospitalar faz-se tão necessária, através dos objetivos específicos: Descrever o surgimento da Psicologia Hospitalar; Investigar a relação do pedagogo e hospital; Relatar a atuação do pedagogo hospitalar com os doentes.

Utilizando como metodologia a pesquisa bibliográfica busca-se através de livros, revistas, jornais e artigos explicar a atuação do pedagogo no contexto hospitalar.

Em sua estrutura, esse artigo contém os seguintes tópicos: A pedagogia Hospitalar e sua Base Histórica; A Relação Pedagogo-

Hospital; Como é o Trabalho do Pedagogo com os Enfermos.

## **A PEDAGOGIA HOSPITALAR E SUA BASE HISTÓRICA**

Inicialmente, tem-se a necessidade de conceituar a pedagogia hospitalar para que possa ser esmiuçado a sua trajetória histórica. Portanto, a pedagogia hospitalar é uma área de atuação da Pedagogia onde a sua finalidade centra-se em investigar e dedicar-se integralmente aos estudantes hospitalizados, cujo objetivo principal é continuar a desenvolver a aprendizagem cultural e educacional, especialmente no que diz respeito à forma como enfrentam a sua doença, sobretudo no quesito autocuidado e prevenção de outras possíveis alterações de saúde. (SOUZA, 2017).

A história da pedagogia hospitalar tem seu início nos primórdios do século XX, a priori, a prática pedagógica hospitalar de um profissional era realizada em orfanatos e asilos, com vítimas de abandono e pessoas que possuíam algum tipo de doença mental. Sobretudo, cabe ainda ressaltar que essa prática não era regulamentada e as instituições que forneciam esse tipo de atendimento, não seguiam algumas regras no que

tange o bem estar dos pacientes internos. Foi em 1929 com Marie Louise Imbert que começou-se a preconizar a atuação pedagógica no ambiente hospitalar, já que a mesma aplicava atividades educativas em 60 crianças durante três dias da semana. (BASTOS, 2022).

Porém, foi por volta do ano de 1935, no continente europeu, mais especificamente em Paris, que Henri Sellier (1943) ficou conhecido como o principal fundador da pedagogia hospitalar, pois, Sellier, com o intuito de minimizar os danos acadêmicos de crianças e adolescentes, inaugurou a primeira escola para crianças que não podiam frequentar o ambiente escolar regular, por conta de enfermidades. Na época em questão a sociedade estava sofrendo com doenças como tuberculose e também com a Segunda Guerra Mundial. Com isso, diversas crianças e adolescentes foram atingidos deixando-os machucados ou até mesmo mutilados, ocasionando assim, a internação indeterminada. (SOUZA, 2017).

Por meio desse fato, surge a discussão sobre a Pedagogia Hospitalar: uma nova forma de educação voltada para aqueles que estão fora do ambiente escolar, no qual possibilita o pedagogo atuar tanto

em hospitais quanto em domicílios, buscando proporcionar um atendimento educacional eficiente e promovendo a retomada das interações sociais das crianças e adolescentes que permanecer afastados da escola devido a condições de saúde.

Assim como expõe Matos e Muggiati (2010, p. 234, apud SOUZA, 2017 pg 15), “O grande número de crianças e adolescentes atingidos, e mutilados e impossibilitados de ir à escola, fez criar um engajamento dos médicos, que hoje são defensores da escola em seus serviços.”

Além do mais, o Ministério da Educação da França pensando em todo o contexto de Segunda Guerra Mundial, e a necessidade de ter um profissional pedagogo trabalhando com as crianças que não podiam frequentar a escola, criou o cargo de “Professor Hospitalar” (Rocha e Passeggi, 2010, apud BASTOS, 2022), dando espaço assim, a outro marco na história da pedagogia hospitalar.

Dessa maneira, por volta de 1939, foi criado o Centro Nacional de Estudos e de Formação para a Infância Inadaptadas (CNEFEI). Esses centros constituíam-se na preparação e formação de docentes para

desenvolverem um trabalho focado na prática pedagógica hospitalar e institucional ainda no país francês, mais especificamente em Suresnes.

O CNEFEI, tem como missão até hoje mostrar que a escola não é um espaço fechado. O centro promove estágios em regime de internato dirigido a professores e diretores de escolas; os médicos de saúde escolar e a assistentes sociais. A Formação de Professores para atendimento escolar hospitalar no CNEFEI tem duração de dois anos. [...] Hoje todos hospitais públicos na França tem no seu quadro 4 professores: dois de ensino fundamental e dois de ensino médio. Cada dupla trabalha em expedientes diferentes te segunda a sexta. (VASCONCELOS, 2006, p .2, apud SOUZA, 2017, pg 15).

Dentro desse contexto, para levar a escola ao ambiente hospitalar foi desenvolvida em 1940 um tipo de associação chamada Animação, Lazer no Hospital, em francês “Animation, Loisirs à L Hôpital” que atuava em consonância as diferentes formas de ensinar. Já em 1980, também pensando nessa atuação, e em maneiras de assegurar e defender os direitos das crianças e adolescentes em condições de saúde debilitadas, a Associação Europeia para Crianças em Hospital - (EACH), desenvolveu a APACHE - Associação de Melhoria das Condições de Hospitalização das

Crianças (PAULA, 2010, apud, SOUZA, 2017).

Contando com um time de mais de três mil docentes, incluindo desde voluntários à professores da Educação Nacional e profissionais não ativos em sala de aula. Esses profissionais acompanhavam essas crianças e adolescentes desde o período de internação até a alta hospitalar, oferecendo um atendimento pedagógico especializado. (SOUZA, 2017).

Em razão de todos esses acontecimentos, e a urgência em não deixar o ensino dessas crianças ser defasado, levaram as escolas a traçar estratégias para ofertar o ensino e atividades pedagógicas dentro do hospital, onde mais tarde ficou conhecida como “classe hospitalar” com o advento da Lei n. 13, de sete abril 1982. (GONZÁLES, 2007, apud SOUZA, 2017). As classes hospitalares foram desenvolvidas com o objetivo de proporcionar através de um pedagogo a continuidade às atividades escolares dos alunos, sejam aqueles que estão em séries mais velhas, ou mais novas que estão sendo submetidos a algum tipo de tratamento médico ou hospitalar (LIMA, 2012).

Com isso, ressaltando a visão histórica da pedagogia hospitalar, Portugal preconizou no ano 2000 o documento chamado “A carta da criança hospitalizada”, baseando-se nos princípios da Carta europeia da criança hospitalizada de 1986. Em seu conteúdo, haviam grandes preocupações em criar projetos nos quais colocavam em evidência a humanização da criança hospitalizada no quesito bem-estar físico, emocional e pedagógico. (SOUZA, 2017). Uma vez que é responsabilidade do hospital fornecer à aquelas crianças internadas um ambiente que atenda todas as suas necessidades, inclusive as educacionais. (MOTA, 2000, apud SOUZA, 2017).

Contudo, no Brasil a pedagogia hospitalar teve início no Estado do Rio de Janeiro, em meados da década de 50. Foi no Hospital e Escola Menino Jesus, que os primeiros movimentos de uma pedagogia no hospital surgiram. Na época, os primeiros atendimentos eram feitos na ala pediátrica de maneira informal, entretanto, somente em 1988, cerca de 40 anos depois, que a Constituição Federal Brasileira com a Resolução nº 41, em seu artigo 205, regularizou essa prática de docência, garantindo assim, a atuação e escolarização

infantil das salas de aula hospitalares, já que é direito de toda e qualquer pessoa, independente da circunstância em que esteja vivendo (BASTOS, 2022).

Além disso, segundo o que está estabelecido nessa mesma lei, é responsabilidade e dever da União assegurar a igualdade às oportunidades na educação com excelência, mesmo que mínima, contudo, é preciso também ter apoio financeiro de entidades estaduais, federais e municipais (FERREIRA; GREGORUTTI; FANTACINI, 2017).

Dentro desse contexto, o ECA – Estatuto da Criança e Adolescente, também reafirma os direitos das crianças e adolescentes em sua Lei nº. 8.069, de 13 de julho de 1990, onde:

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade (BRASIL, 1990, pg 07).

Em 2002, o Ministério da Educação (MEC), em parceria com a Secretaria de Educação Especial, desenvolveu as “Estratégias e

Orientações para Atendimento em Classes Hospitalares”, um documento que assegura os direitos à educação das crianças e adolescentes hospitalizados, no qual, nominou as classes hospitalares como uma forma de atender e auxiliar os hospitalizados nas demandas educacionais nos ambulatorios, seja por diária, semanal ou naqueles que demandam atenção integral a saúde, física e mental (BASTOS, 2022).

O atendimento educacional hospitalar e o atendimento pedagógico domiciliar devem estar vinculados aos sistemas de educação como uma unidade de trabalho pedagógico das Secretarias Estaduais, do Distrito Federal e Municipais de Educação, como também às direções clínicas dos sistemas e serviços de saúde em que se localizam. Compete às Secretarias de Educação atender à solicitação dos hospitais para o serviço de atendimento pedagógico hospitalar e domiciliar, a contratação e capacitação dos professores, a provisão de recursos financeiros e materiais para os referidos atendimentos (BRASIL, 2002, p. 14, apud BASTOS, 2022, pg 17 ).

Com isso, nota-se que a trajetória da pedagogia hospitalar passou por mudanças significativas até os dias atuais, visto que a sua trajetória histórica demonstra grandes preocupações pelos países supracitados na busca pela garantia dos direitos de aprendizagem de

crianças e adolescentes hospitalizados. Ainda, vale ressaltar que dentre as mudanças, nas internações hospitalares foram obrigatórias estabelecer os horários de visitas da equipe e família para melhor acompanhamento, com o objetivo de minimizar os traumas e sofrimentos vivenciados pelas crianças e adolescentes nesse período (SOUZA, 2017).

## **A RELAÇÃO PEDAGOGO-HOSPITAL**

Para os jovens e as crianças, o ambiente hospitalar torna-se muitas vezes assustador porque os afastam do ambiente a que estão habituados e, por vezes, encontram-se a conviver com estranhos, dentro e fora dos seus quartos e que os levam a perder a privacidade, ora são enfermeiros que precisam administrar medicações em horários agendados ou aqueles que acompanham o quadro clínico, também médicos que realizam as visitas diárias, e até mesmo os acompanhantes e visitas aos outros enfermos (LIMA, 2012).

Um hospital é um espaço cheio de desafios, onde, os pacientes internados travam uma batalha constante contra a morte e uma busca constante pela vida. As crianças que

não entendem os ritmos deste hospital ficam à mercê dos médicos e enfermeiros, aguardando o que está por vir. Dado contexto, essas crianças ficam vulnerável neste ambiente, a sua imagem, identidade, intimidade, integridade devem ser protegidas e todos os seus direitos resguardados. (LIMA, 2012).

Porém, pelo fato de maior parte desses jovens e crianças não conseguirem compreender o processo pelo qual estão vivenciando, tanto pela enfermidade existente, quanto por estarem afastados obrigatoriamente do seu convívio familiar e social, sentem-se excluídos, levando-os a um abalo emocional intenso. Toda essa situação acaba por comprometer seu bem estar físico e emocional. (LIMA, 2012).

Considerando que as instituições hospitalares além de oferecer a intervenção biológica, também deve apresentar a inclusão de um trabalho de acolhimento. O pedagogo como figura de educador deve considerar que o período de internação é uma perda para a criança internada, pois ela naquele momento necessita viver uma realidade diferente do seu cotidiano. (LOREDO; 2014).

Pensando nos programas escolares para crianças e adolescentes hospitalizados e na crença de que o processo de aprendizagem não deve ser interrompido, os hospitais e os serviços pediátricos estão desenvolvendo procedimentos educativos que incluem subsídios para dar continuidade aos seus estudos a fim de que não haja interrupção do processo de aprendizagem. (MATOS e MUGIATTI, 2009, apud, LIMA, 2012). A fim de que quando obterem alta hospitalar consigam acompanhar a o conteúdo curricular enquanto esteve ausente e não tenham maiores dificuldades (LIMA, 2012).

O profissional que opta em trabalhar com alunos hospitalizados precisa ter um olhar humanizado e sensível no tocante as crianças e à situação, além de tudo, necessita ter a capacidade de possuir métodos diferentes de ministrar sua aula. Ressalta também a importância de haver uma certa habilidade e flexibilidade para adequar-se às atividades a partir da necessidade de cada aluno, já que diferenciarão de acordo com o nível de desenvolvimento e educacional de cada criança ou adolescente. (SOUZA, 2017).

Por esse motivo, a tarefa do pedagogo hospitalar nesse momento se relaciona à apoiar estas crianças/jovens por meio do atendimento educacional nas dependências do hospital, integrando-os à escola e promovendo a socialização da criança. Sobretudo, apoiá-los nesse momento também faz menção á aliviar os distúrbios psicológicos causados pelo tratamento hospitalar, como sentimento e sensações de incerteza, raiva, medo, ansiedade, frustração e tudo o que concerne a problemas que podem atrasar o processo de desospitaçização da criança (LOREDO; 2014).

Visto que as crianças hospitalizadas necessitam de métodos educativos alternativos que ofertem ensino e aprendizagem o pedagogo no hospital pode ofertar estímulos que melhorem o conhecimento intelectual para que elas deem continuidade a aprendizagem escolar, podendo dessa forma as reintegrarem na escola de origem. (LIMA, 2012).

Portanto, o pedagogo hospitalar deve buscar estratégias para proporcionar melhores condições de saúde psicossocial e pedagógica as crianças e adolescentes que estão nos leitos hospitalares. É importante



preparar um ambiente aconchegante e alegre, contendo muitas cores e fazendo menção ao lúdico, uma vez que proporcionar um ambiente desse as crianças e jovens hospitalizados além de tira-los por um momento da rotina daquele meio, os fazem esquecer por um minuto dos sofrimentos vivenciados pelo período de internação. Para isso, o pedagogo precisa ser capaz de atuar na prática educativa informal, formal e não-formal, conciliando a teoria com a prática e a realidade atual.(SOUZA, 2017).

A rotina laboral do pedagogo hospitalar exige que tenha desenvoltura e improviso para atender adequadamente a demanda dos pacientes internados, pois o hospital representa um ambiente que, a princípio, não favorece o processo de ensino-aprendizagem. Mas, com a prática e a sensibilidade para realizar um atendimento educacional individualizado, as barreiras são superadas e consegue-se realizar um bom trabalho pedagógico (SOUZA, 2017, pg 19).

Outrossim, é importante que o pedagogo atuante nas classes hospitalares esteja integrado à equipe médica, rendendo-se à um trabalho interdisciplinar, para que assim, ele tenha conhecimento das condições clinicopatológicas dos alunos e

pacientes. Isso lhe dará melhores chances de traçar suas estratégias de ensino de uma forma mais flexível e diversificada, considerando é claro, as capacidades do aluno e atendendo aos requisitos curriculares. (LIMA, 2012).

Desse modo, ao se integrar à equipe de saúde, o pedagogo toma conhecimento sobre os aspectos específicos da doença de cada aluno atendido, por isso, é de fundamental importância ter acesso ao seu prontuário, pois nele contém cuidados específicos, e informações a respeito da patologia, por exemplo (LIMA, 2012).

Essa ação facilita o diálogo com pais e familiares, sobre questões que envolvem a saúde da criança bem como com crianças e adolescentes hospitalizados, pois os médicos utilizam uma linguagem de difícil compreensão para algumas pessoas ao apresentarem diagnósticos. Para tanto, o pedagogo ali visto como uma figura de professor, ao ter acesso as informações do prontuário médico faz o intermédio entre a terminologia médica/clínica e a compreensão para com os pais e responsáveis legais. (LIMA, 2012).

Através disso, é possível estabelecer um vínculo afetivo com

esses pais e responsáveis, que em maior parte das vezes enxerga no pedagogo uma figura na qual externa seus medos e angústias em decorrência da situação. Assim, essa interação família e pedagogo demanda do profissional métodos e técnicas além da prática educacional, ele também realiza escuta pedagógica. Essa escuta é importante, tanto para os pais ou responsáveis quanto para as crianças, porque ao compartilhar as suas dores, aliviam a sobrecarga emocional, deixando aquele processo menos traumático. (FONTES, 2015 apud, LIMA, 2012).

### **COMO É O TRABALHO DO PEDAGOGO COM OS ENFERMOS**

Tendo em vista que a continuidade dos estudos durante a internação é um direito garantido por lei, diversas medidas contribuem para a efetividade do processo de ensino-aprendizagem dos alunos doentes, onde, o profissional pedagogo atuante nessa área, exerce sua função na práxis educacional hospitalar (LIMA, 2012).

Ao optar em trabalhar nessa área, o pedagogo precisa ser capaz e estar preparado para enfrentar novos desafios, especialmente aqueles relacionados com a construção de

novos conhecimentos, através do improvável, sendo papel dos profissionais de educação auxiliar essas crianças e adolescentes no processo de ensino e aprendizagem, uma vez que a enfermidade se torna um obstáculo no que tange à prática pedagógica (SOUZA, 2017).

No contato inicial com pedagogos hospitalares, os alunos encontram educadores diferentes daqueles que vivenciaram em ambientes não hospitalares, mesmo que ainda não haja confiança ou afinidade (SOUZA, 2017).

O primeiro passo para desempenhar um trabalho com as crianças e adolescentes hospitalizadas relaciona a realização de um estudo de caso sobre o estado de saúde do paciente. Isso pode ser feito por meio de seus registros médicos, discussões com a equipe do hospital, seu histórico médico e uma entrevista de anamnese. (SOUZA, 2017).

Fazendo isso, o pedagogo conseguirá informações importantes que envolvem o paciente como um todo, e, a partir disso, ele poderá delinear as medidas preventivas necessárias formular a melhor forma de trabalhar com elas (Matos & Mugiatt, 2012, apud, SOUZA, 2017).

Além disso, antes de iniciar os atendimentos diários, o pedagogo rotineiramente precisa visitar as enfermarias do hospital para observar se há algum leito novo, bem como colher algumas informações sobre a doença e o período de internação, e também se apresentar às crianças para que elas o conheça e ele as conheçam. Dessa forma, a partir disso, o profissional está apto para planejar as atividades específicas para cada caso. (SOUZA, 2017).

Após esse processo, o pedagogo pode convidá-las para participarem de uma aula, para isso, a fim de estabelecer um vínculo, o profissional pode fazer uso de historinhas, contos, brincadeiras, e o lúdico, respeitando o tempo e vontade de cada criança ou adolescente. (SOUZA, 2017). Contudo, é importante frisar que a prática pedagógica antes de qualquer coisa, deve possibilitar momentos de descontração, interação e bem-estar, pois, a internação por si só é um procedimento invasivo e moroso (SOUZA, 2017).

O hospital-escola constitui-se num espaço alternativo que vai além da escola e do hospital, haja vista que se propõe a um trabalho não somente de oferecer continuidade de instrução. Ele vai além, quando realiza a integração do escolar hospitalizado, prestando ajuda não só na

escolaridade e na hospitalização, mas em todos os aspectos decorrentes do afastamento necessário do seu cotidiano e do processo, por vezes, traumático da internação. O conhecimento da realidade da criança/adolescente hospitalizado e as medidas preventivas que se façam necessárias são, portanto, pontos determinantes, também do ato pedagógico que vai se delinear a partir destes aspectos. (Matos & Mugiatti 2012, p. 73, apud SOUZA, 2017, pg 23)

Devido às altas taxas de rotatividade dos alunos doentes, o planejamento e os métodos utilizados em ambientes hospitalares tornaram-se o maior desafio que os educadores hospitalares enfrentam, por esse motivo, os planos variam de aluno para aluno. (SOUZA, 2017).

Portanto, os educadores hospitalares devem estar munidos de algumas competências pedagógicas para saber lidar com essas peculiaridades. Além disso o trabalho não pode ser feito de forma contínua, devido à variação de demandas e a alta rotatividade, os serviços devem ser concluídos no mesmo dia. (SOUZA, 2017).

Não obstante, o plano de aula deve ser baseado no conhecimento prévio do paciente internado adquirido desde o primeiro contato. As aulas devem ser baseadas em coisas que os

alunos gostam ou que haja algum significado para eles, mas, devem ser integradas de maneira interdisciplinar, interligando assim, as atividades de lazer as curriculares, como língua portuguesa, matemática, história, geografia e ciências. Dessa forma, o profissional estará trabalhando as questões educativas e reabilitação socioemocional. (SOUZA, 2017).

Contudo, no que se refere a avaliação, essa, deve ser feita de forma contínua, não baseando apenas em notas, cujo o próprio registro de desempenho de um aluno se torna um relatório avaliativo. (SOUZA, 2017).

Apesar do atendimento educacional hospitalar ser diferente das aulas regulares, o pedagogo como professor tem que estar disponível ao aluno. Para isso, os horários de cada atendimento devem ser classificados e divididos. Sendo assim, o profissional deve se dispor entre classe (salas onde são prestados serviços) e nos leitos, que dependerá do entusiasmo e da condição da criança e do jovem. Nesses casos, a aula deverá durar de 20 a 30 minutos, já que quando realiza no leito, a aula não poderá ter um tempo longo devido ao cansaço e às limitações do aluno doente. As atividades não podem ser um estímulo cansativo, visto a situação debilitada

que os alunos se encontram. (SOUZA, 2017).

O pedagogo poderá ministrar suas aulas por meio da utilização de diversas atividades e materiais como vídeos, livros, recortes jogos, brincadeiras livres, bonecos, pinturas, artes e ofícios, e, faz de conta e teatro. Pois, “essas atividades pedagógicas no contexto hospitalar, na maioria das vezes, são iniciadas de maneira lúdica para propiciar ao aluno interno um momento de descontração” (SOUZA, 2017, pg 24).

Contudo, cabe destacar que para que o pedagogo desempenhe com êxito sua atuação nas questões educativas e de saúde, e não ocorra nenhum tipo de desconforto ou desrespeito às regras da instituição, é fundamental a interação com os colaboradores do hospital, pais, responsáveis e a equipe médica e equipe interdisciplinar. (SOUZA, 2017).

Ainda, pensando no fato que os familiares também acompanham os atendimentos, no que tange a ação pedagógica pode ser um evento de conflitos, visto a possibilidade de haver interferências por parte deles. Isso, demanda do profissional um olhar ainda mais humanizado, e nesse caso, o pedagogo pode integra-los no

processo de ensino e aprendizagem, solicitando aos acompanhantes que eles participem de algumas atividades. (SOUZA, 2017).

## **METODOLOGIA**

A metodologia utilizada para realização do projeto de pesquisa foi a Bibliográfica, na qual está refere-se a:

Segundo Gil (2002, p. 61) o método bibliográfico consiste em:

Esse levantamento bibliográfico preliminar pode ser entendido como um estudo exploratório, posto que tem a finalidade de proporcionar a familiaridade do aluno com a área de estudo no qual está interessado, bem como sua delimitação. Essa familiaridade é essencial para que o problema seja formulado de maneira clara e precisa.

Com isso foi utilizado livros, revistas, artigos, monografias e dissertações para a elaboração do corpo teórico do trabalho.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante do exposto, esse estudo buscou esclarecer o contexto da pedagogia hospitalar em sua práxis, englobando seus aspectos históricos, tanto a nível internacional como nacional, bem como compreender como são implementadas as práticas de ensino hospitalar e o a sua

relevância para a recuperação biopsicossocial e educacional das crianças e adolescentes hospitalizados, além de ainda, também oferecer assistência às famílias.

A pedagogia hospitalar é um novo campo de atuação docente, que exige dele um exercício muito mais do que um apenas um professor em ambiente hospitalar, pois os ambientes educacionais informais como esse, exigem um profissionalismo mais reflexivo, e que esteja disposto a lidar com desafios rotineiros. Sobretudo, a também oferecer serviços educacionais que ajude os alunos a superarem todos os traumas vivenciados durante a internação por meio de atividades mais relaxantes e interessantes, garantindo a continuidade escolar.

Logo, a atuação docente faz-se necessária para que essas crianças e adolescentes hospitalizadas alcancem o desenvolvimento integral. O professor torna-se então um elemento essencial neste processo, contribuindo para a qualidade de vida dos alunos aceites, bem como para o processo de ensino que visa desenvolvê-los plenamente através da prática, incluindo as diferentes ciências, de acordo com as suas necessidades e dificuldades.

Por ora, no que se refere ao desempenho desse profissional, ele pode utilizar de recursos lúdicos como contação de historinhas, contos e brincadeiras. Entretanto, deve-se levar em consideração a realidade dessas crianças. Muitos deles estão sendo submetidos a tratamentos intensivos e invasivos, por isso, as aulas devem ser de menor duração e mais didática para não cansá-los além o necessário.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL, Ministério da Educação. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei nº 8.089, de 13 de julho de 1990. Disponível em: <<http://www.conselhodacrianca.al.gov.br/sala-de-impressao/publicacoes/ECA%20ATUALIZADO.pdf/view>> . Acesso em: 1 set 2023.
- LOREDO, CINTIA DE CASTRO. CONIC - SEMESP: 14º Congresso Nacional de Iniciação Científica. **PEDAGOGIA HOSPITALAR:: REFLEXÕES SOBRE A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO NO HOSPITAL**, FACULDADE ANHANGUERA DE CAMPINAS, 2014. DOI ISSN: 2525-3409. Disponível em: <https://conic-semesp.org.br/anais/files/2014/trabalho-1000017134.pdf>. Acesso em: 10 set. 2023.
- FERREIRA, Larissa Scandelari; GREGORUTTI, Marina Gonçalves; FANTACINI, Renata Andrea Fernandes. *Jornal Redalyc. **Pedagogia hospitalar**: a atuação pedagógica em ambientes hospitalares*, Itajubá, p. 171-183, 2017. DOI ISSN: 2525-3409. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5606/560659005005/560659005005.pdf>. Acesso em: 10 set. 2023.
- GIL, Antônio Carlos, 1946- Como elaborar projetos de pesquisa/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.
- SOUZA, ANA CRISTINA SOARES DE. **A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO AMBIENTE HOSPITALAR::** um estudo de caso no HULW. Orientador: Profa. Dra. Janine Marta Coelho Rodrigues. 2017. 1-69 p. TCC (Licenciatura em Pedagogia) - UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, João Pessoa - PB, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/2559/1/ACSS21062017.pdf>. Acesso em: 10 set. 2023.
- BASTOS, PRISCILA VIEIRA. **PEDAGOGIA HOSPITALAR:: PRÁTICAS EDUCATIVAS**. Orientador: Profª Drª Mariangela Kraemer Lenz Ziede. 2022. 1-36 p. TCC (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Tramandaí - RS, 2022. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/253652/001159786.pdf?sequence=1>. Acesso em: 10 set. 2023.
- LIMA, Cristina Cavallari Ferreira. **PEDAGOGIA HOSPITALAR: A IMPORTÂNCIA DO APOIO PEDAGÓGICO DENTRO DOS HOSPITAIS PARA JOVENS E CRIANÇAS. E-FACEQ**: Revista dos discentes da Faculdade Eça de Queiros, [s. l.], ano 1, ed. 1, p. 1-27, 2012. DOI ISSN 2238-8605. Disponível em: [https://uniesp.edu.br/sites/\\_biblioteca/r](https://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/r)

evistas/20170427174227.pdf. Acesso em: 10 set. 2023.

LIMA, Antonio Jose Araujo et al.. **O pedagogo hospitalar: atuação e contribuições**. Anais III CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/21670>>. Acesso em: 12/09/2023 14:07